

## A DIMENSÃO DA COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL

Fernando Nogueira Dias

*Tal como todos os que trabalham com afásicos, tive a sensação que é impossível mentir a um afásico. Não distinguem as palavras, por isso não os podemos enganar com palavras; mas captam com uma segurança infalível as formas de expressão que as acompanham de uma forma tão acertada, espontânea e involuntária como nunca poderia ser fingida, o que é por demais fácil de fazer com as palavras (Green, 1995) .*

(...)

*Oliver Sacks (\*) conta que uma vez quando chegou à secção dos afásicos, foi recebido por gargalhadas. Os doentes estavam a ver o início de um discurso televisivo do Presidente Reagan e ávidos de continuar a vê-lo.*

*Viram o velho bonacheirão, o orador com escola de actor, o seu talento teatral, o seu fluido emocional – e riam escancaradamente... Ao Presidente são habitualmente reconhecidos dotes de orador imponente – mas aos doentes provocava apenas riso.*

*(...) 'Bem podemos mentir com a boca' escreveu Nietzsche, 'mas com as trombas que fazemos a acompanhar acabamos por dizer a verdade'. Os afásicos reagem com uma sensibilidade extraordinária a caretas e pormenores certos ou errados na atitude ou no posicionamento do corpo. E se não poderem ver o que está a falar – especialmente no caso dos afásicos cegos – têm um ouvido inconfundível para qualquer 'nuance' acústica, o tom, o ritmo, a melodia da frase e da voz, para modulações e entoações subtis que conferem ou retiram credibilidade à voz humana. Assim conseguem distinguir a verdade da mentira sem perceberem o significado das frases.*

A comunicação não-verbal não tem sido objecto de preocupação por parte de um número significativo de sociólogos em Portugal. Não significa que outras áreas disciplinares não o tenham feito, como é o caso da Motricidade Humana, da Psicologia e da Educação Especial.

---

\* Neurologista. Autor de *O homem que confundiu a mulher com um chapéu* e *Despertares*

Também não é nossa intenção aqui desenvolver detalhada e alongadamente esta temática. Se o interesse despertar o leitor, encontrará no final deste capítulo bibliografia que o orientará no aprofundamento deste assunto. Por agora, abordaremos alguns conceitos básicos que nos permitem enquadrar o campo da comunicação não verbal.

Começemos, pois, por definir que, de acordo com alguns autores, a comunicação humana processa-se mediante dois tipos de factores: os índices e os sinais. Os índices dizem respeito aos elementos que transmitem alguma informação, sem que da parte do emissor tenha havido a pretensão de comunicar algo a alguém. É o caso das pegadas deixadas no chão, que denunciam a passagem de um sujeito, mesmo que não tenha sido essa a intenção ou o objectivo não tenha sido esse.

Os sinais são elementos que transmitem informação, havendo da parte do emissor a intenção ou o objectivo de que essa informação atinja um ou mais receptores, directa ou indirectamente, de forma imediata ou mediatizada.

Também, segundo alguns autores, os sinais de comunicação podem classificar-se em signos e símbolos. Claro está que, para os adeptos da corrente interaccionista simbólica, não faz sentido esta divisão, já que os signos são também eles símbolos (Littlejohn, 1982: 123).

De qualquer forma, aceitando nós esta classificação, podemos, ainda, segmentar os signos em verbais (orais e escritos) e em não-verbais. Sem entrarmos em grandes detalhes da linguística, podemos acrescentar que os signos verbais são constituídos por três elementos: referente (a *coisa* em si), significante (a imagem - acústica ou visual) e o significado (o conceito, ou seja, o entendimento que se faz).

Os signos verbais são considerados sinais de comunicação nos quais não é estabelecida uma analogia imediata entre o significante e o significado. A percepção entre estes dois elementos obedece à intermediação de códigos sociais e culturais. É o caso da relação entre a palavra e a coisa, como, por exemplo, um *canto* de Camões.

Por sua vez, os símbolos dizem respeito a sinais de comunicação a partir dos quais é, social e culturalmente possível, estabelecer uma analogia imediata entre o significante e o significado. A relação entre estes dois elementos, mediada também por códigos, possibilita a percepção imediata do acto comunicante com o significado a ele atribuído, "sem esforço" de maior. Exemplo disto é a relação entre um sinal do código

da estrada e o significado que ele de imediato representa ou, se quisermos ser mais regionalistas, a relação entre o gesto do "Zé Povinho" e o que ele representa para a cultura portuguesa.

Onde se situa, então, a comunicação não-verbal? Como vimos, ela pode ser considerada no âmbito dos signos não-verbais (embora possa ser enquadrada igualmente em comportamentos simbólicos). O estudo desta área comportamental tem vindo a desenvolver-se através das teorias estruturalistas e das teorias funcionalistas.

Assim, as teorias estruturalistas dizem respeito ao estudo dos signos não-verbais que se manifestam pela Cinésica, pela Proxémica e pela Paralinguística. Já as teorias funcionalistas congregam o estudo dos signos não-verbais, no que se refere à sua Origem, Codificação e Uso.

Não fazendo incursões nas teorias funcionalistas dos signos não-verbais, diremos que a Cinésica diz respeito aos estudo da linguagem social do corpo. A Proxémica, desenvolvida pelo antropólogo Edward T. Hall, na sua obra *A Dimensão Oculta*, refere-se ao estudo do uso humano do espaço. Finalmente, a Paralinguística, também desenvolvida pelo mesmo autor na obra *A Linguagem Silenciosa*, diz respeito ao uso de signos vocais, constituindo esta a fronteira entre a comunicação verbal e não-verbal da interacção humana.

A Cinésica compreende a estrutura e os níveis de observação da linguagem corporal. Assim, a estrutura da linguagem corporal decompõe-se em *cine* (gesto da mão, por exemplo), estes, quando agregados, constituem um *cinema* e estes, ainda, quando também agregados, constituem um *ciniforme*.

Os níveis de observação da linguagem corporal compreendem a precinésica (estudo fisiológico da actividade corporal), a microcinésica (estudo das unidades comportamentais de análise) e a cinésica social (estudo do comportamento em contexto social e o seu significado comunicacional).

A Proxémica compreende o estudo social dos tipos de espaço, a gramática espacial das relações interpessoais e as variáveis respeitantes ao corpo na relação com o outro. Assim, Hall considera o espaço de características fixas (edifício, passeios), o espaço de características semi-fixas (colocação das peças de mobiliário numa casa) e o espaço informal (zona espacial em torno do corpo, que se "desloca" com o indivíduo).

O estudo das distâncias nas relações interpessoais obedece às codificações sociais e culturais de cada país ou sistema social. No caso dos Estados Unidos, o autor determinou, pelos seus estudos, que a distância que medeia as relações entre os indivíduos obedece a quatro níveis: íntima (0 a 50 cm), pessoal (50 a 120 cm), social (120 a 350 cm) e pública (mais de 350 cm).

Quanto às variáveis na análise proxémica, são as seguintes: a) postura-sexo (a posição corporal e o género); b) eixo sociófogo-sociópeto (ângulo dos ombros em relação ao interlocutor): sociófogo - encorajamento da interacção - sociópeto: desencorajamento da interacção; c) factores cinestésicos (proximidade dos indivíduos, em termos de tocabilidade; d) comportamento de contacto (agarrar, apertar, apalpar); e) código visual (do contacto visual à sua ausência); f) código térmico (o calor a percebido na relação com o outro); g) código olfactivo (o odor percebido na conversação); h) volume de voz (volume, intensidade e entoação)

Finalmente, no que se refere aos índices da Paralinguística, Edward Hall apresenta os seguintes: a) qualidades de voz (tonalidade e articulação da voz); b) características vocais (riso, choro, gritos, bocejos, arrotos); c) qualificadores vocais (a forma como as palavras e as frases são proferidas); d) segregados vocais (factores rítmicos da conversação).

Dos aspectos aqui referidos sobre a comunicação não-verbal e das preocupações teóricas que sustentam a sua análise, fácil nos é compreender o quão importante é o estudo desta dimensão das relações sociais. Todavia, não deixa de ser pertinente lembrar que a compreensão destes fenómenos sociais passa por alguma prudência, necessária à interpretação dos dados em análise.

É neste sentido que determinados autores defendem que a importância do estudo da comunicação não-verbal reside no papel de reforço que esta tem no discurso verbal. Ou seja, como referem os estudiosos da Escola de Palo Alto, nomeadamente Paul Watzlawick (1993) e os restantes autores da Pragmática da Comunicação, a linguagem analógica explícita, por confirmação ou por negação, a linguagem digital.

Para além do mais, o cuidado apontado no estudo da linguagem não-verbal aumenta quando nos lembramos que esta dimensão do ser humano, para além dos factores de ordem pessoal, está sujeita aos regionalismos sociais e culturais em que os

actores sociais se movem. Daí, ser difícil a detecção de estruturas sociais discursivas que possam, de forma paradigmática, aplicar-se universalmente, ou, pelo menos sistematicamente a agregados sociais heterogéneos.

## Palavras-chave

- Comunicação não-verbal
- Índices
- Sinais
- Signos
- Símbolos
- Interaccionismo simbólico
- Referente
- Significante
- Significado
- Códigos
- Cinésica
- Proxémica
- Paralinguística

## Bibliografia

- AAVV (1990), "O Não-verbal em Questão" in *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa, Edições Cosmos
- Chauvin, Rémi (1990), *Dos Animais e dos Homens*, Mem Martins, Terramar
- Chauvin, Rémy (1977), *A Etologia*, Lisboa, Edições António Ramos
- Eibl-Eibesfeldt, Irenaus (1977), *Amor e Ódio*, Amadora, Livraria Bertrand
- Fast, Julius (s.d.), *A Linguagem do Corpo*, Lisboa, Edições 70, Coleção Persona
- Green, Arno (1995), *A Loucura da Normalidade*, Lisboa, Assírio & Alvim.
- Greimas, A. J. Et al. (1992), *Práticas e Linguagens Gestuais*, Lisboa, Vega
- Hall, Edward T. (1986), *A Dimensão Oculta*, Lisboa, Relógio d' Água
- Hall, Edward T. (1993), *A Linguagem Silenciosa*, Lisboa, Relógio d' Água
- Lamy, Michel (1994), *A Inteligência da Natureza*, Lisboa, Instituto Piaget
- Morris, Desmond (s.d.), *Os Gestos. Suas Origens e significado*, Mem Martins, Publicações Europa-América
- Nierenberg, Gerald et al. (1971), *Como Observar as Pessoas*, Lisboa, Edições Livros do Brasil
- Orgogozo, Isabelle (1988), *Les Paradoxes de la Communication*, Paris, Les Éditions D' Organization
- Vayer, Pierre (1992), *O Diálogo Corporal*, Lisboa, Instituto Piaget
- Vayer, Pierre (2000), *Psicologia das Actividades Corporais*, Lisboa, Instituto Piaget
- Watzlawick, Paul (s.d.), *Sur L' Interaction*, Paris, Seuil
- Watzlawick, Paul et al. (1993), *Pragmática da Comunicação Humana*, São Paulo, Cultrix
- Weil, Pierre (1986), *O Corpo Fala*, Petrópolis, Vozes